ANO II — Lisboa—Quarta-feira 31 de Julho de 1918 — N.º 429

Portugal e Colónias — Um ano 4$00 — Seis meses 2$00 — Três meses 1$00
Estrangeiro — Um ano 8$00 — Seis meses 4$00 — Três meses 2$00
Numero avulso 5 centavos

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Oliveira, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1033

A MORDAÇA POSTA AO SERVIÇO DO MEDO!

Os anti-parlamentaristas teem razão!

O abafarete da sessão de ontem!

Antonio Sardinha, orgulhoso na defêsa do Pensamento Latino, nobremente caminha ao encontro de uma insinuação caluniosa, para a desfazer ou devolver. Lembra-se, a proposito, a atitude do grande republicano Bazilio Teles... As diversas patrulhas da maioria não gostam: o seu receio invoca o Regimento; e, sobre a boca de quem se manifesta um grande português, lança-se cobardemente uma mordaça deslial!

Integralistas!: mais uma vez se prova que, embora a competencia não resida no Numero, sempre o volume da sua gritaria teima em cobrir as proclamações da Qualidade, conforme o velho impudor democratico que em tudo se revela!

Pelos Concelhos contra o Parlamento!
Pela Nação contra os Partidos!
Pelo Rei a favor dos Povos! — Eis a essencia politica do Pensamento Latino, em oposição aos desmandos maçonicos da Democracia, herdeira do Germanismo oficial invasor.

Ajuste de contas

Em qualquer tradução barata de Thackeray aprendeu o deputado Cunha Lial o que fosse *snobismo*. Sentiu-se feliz, satisfeito: já tinha mais um conhecimento positivo nos arcanos do seu crenco maçonico. Mas o sr. Lial tem psicologia de papagaio: o que ouve ou lê, precisa de o repetir, de o repetir incessantemente, a martelar-nos os timpanos, a dissolver-nos a cabeça.

Foi o que sucedeu desta vez. A palavra era tão linda, de mais a mais; quem poderia resistir á tentação? O sr. Lial capitulou diante do atavismo: transigiu com o papagaio da sua origem remota e, no primeiro ensejo, com a facil acrobacia duma eloquencia de dentista de feira, arredonda a voz e exclama exaltadamente na camara, que é preciso «*acabar com o snobismo dos que desejam a victoria da Alemanha*»!

E haverá alguem de bom-senso que perante um disparate desta ordem, consiga explicar o raciocinio do sr. Lial, sem pesar maduramente as suas tendencias psicaticas, a sua espinha heraldica de araras e cacatuas, mais ou menos tisnadas do sol dos tropicos? Não ouso supô-lo. O meu respeito pela especie humana não me permite atribuir ao meu semelhante uma visão tão simpliste dos homens e dos factos que desdenhe esse factor importantissimo da sua idiosincracia (si tem uma palavra bonita, sr. Lial!)

Mas não nos desviemos do caminho recto da nossa historia. Perante a arguição do deputado machadista que evidentemente o visava, ainda que com timidez, porquanto certa interpelação sibilina andava anunciada ha dias pelo noticiario avulso d'*A Capital*, entendeu o nosso querido camarada, dr. Antonio Sardinha, ser essa a oportunidade de rebater e demolir no parlamento a baixa e odiosa calunia com que o jacobinismo pretendeu mancha-lo, e que sempre nos dirigiram, a nós monarquicos, para justificar as perseguições e os abusos de toda a especie, as violencias e as infamias sem nome.

Foi desta vez o sr. Lial o editor. O adversario é temivel.

Psicologia primaria de orador da Montanha, o seu modelo, o seu ideal deve ser Marat, mas um Marat de papelão, um Marat de trazer por casa, em chinelas, para serviços domesticos e recados a pouca distancia.

Mas o sr. Lial pretende imprimir á sua figura um sopro de tragedia. Desmancha um pouco a grenha, forceja por esbater na voz os trinados roufenhos do *rx*, compõe um perfil de orador, medalhão classico, sacrificando ás imagens concordes dos Ciceros o que ha de vulgar, de burguez, de sacas de arroz e tamancos velhos, na sua fisionomia pacata.

E então acendem-se-lhe os olhos. Ha despeito no olhar e odio nas palavras. Respira rancor, o rancor subalterno dos anonimos e dos nulos. Tem qualquer coisa de raça inferior. Suspeita-se de cruzamentos longiquos, de infusão de sangue.

Depois o sr. Lial tem a perversão espectaculosa do galicismo. Para provar ao país que esteve no *front*, descobriu esse processo inédito. E estropia o francês horrorosamente, falando-o com a mesma pronuncia apurada que um honesto cidadão de Tuy que não suisse nunca do baldão de Tuy que não suisse nunca do baldão da sua *fonda*, numa ruela andrajosa e escura da mesma cidade de Tuy.

Por respeito para com o francês que se ensina nas escolas, por decoro nacional, é preciso que se redija e aprove urgentemente a lei contra o galicismo: processo sumario, multa imensa, e degola nos casos de reicidencia. E o proprio sr. Lial tem de me dar razão: bem sabe ele as consequencias desse vicio inveterado. Quando Deus quere, com surpreza nossa, aparece a invocar os «*mais grandes*» exemplos da historia, falando lamentavelmente um dialecto exotico, situado na classificação linguistica, entre o bunda e o tcheque.

O sr. Lial não é um homem: é um simbolo. Eu tenho mesmo a certeza de que o sr. Lial se toma a serio, e representa convicto, sem pretender armar aos efeitos, co'quistar os triunfos transitorios da retorica... de botequim. Ha nele a consciencia duma missão a realizar. Nasceu para aquilo. E' um signo: cumpre-o. Não ousaria eu aventurar que dos doze signos do zodiaco só um o retrata: *Scorpio*... E porque? Nem eu sei dizê-lo, uma impressão pessoal...

Lastimo-o sobretudo pela sua sinceridade tocante. Ha rancor represado nas suas palavras, e ele não o entende, quando muitos o julgam um comediante falhado eu quero acreditar na sua integridade, na sua intenção sincera.

Como o chefe da patrulha a que pertence, o sr. Lial acredita em três cousas, neste mundo: no supremo Arquitecto do Universo, no sr. Machado Santos seu profeta, e em si proprio.

A raiva impotente do sr. Lial é o despeito surdo do seu mandatario, sacudido das subsistencias. E o sr. Lial é o regulamento dos caminhos de ferro a clamar vingança.

Mas que culpa temos nós de tudo isso, que culpa têm os monarquicos, e especialmente os integralistas, das desditas dos naufragados salvadores da Patria. Não se compreende mas é assim. Ensaiando as unhas que os inocentes supõem garras, para as cravarem no sr. Sidonio Pais e na situação, os machadistas experimentam-lhe o vigor e a solidez. A demagogia tem já os seus oraculos dentro das camaras. Ouvimos ontem a exaltação de Norton de Matos, deve estar na ordem do dia de amanhã o elogio da sinistra figura de Afonso Costa.

E para isto se fez o 5 de dezembro? Quantos dos rapazes que briosamente se bateram na Rotunda, não perguntarão nesta altura como nós: para quê? Tanto sangue para quê, se os demagogos amecam voltar, se o governo trancigindo com a trapaça politica, fazendo as eleições, foi abrir um foco de desordem e desarmonia, acordando de novo os écos de S. Bento, para a inutilidade das discussões estereis, para os dichotes e pora os insultos? Tanto sangue desperdiçado, meu Deus!

Será possivel por acaso realizar uma obra verdadeiramente nacional um governo que, de facto, só tem fielmente a apoia-lo os monarquicos, uma situação que se balouça continuamente, sacudida pelo radicalismo vermelhissimo do sr. Lial, e pelo chinó parlamentarista do sr. Egas Moniz?

A tentativa presidencialista falhou, ao que parece. O pensamento bem intencionado do sr. dr. Sidonio Pais sossobra perante a oposição dos republicanos que vão afixar para as camaras o seu republicanismo *de sempre*, esquecidos de que o *leader* da maioria detesta essa profissão de fé, não se sabe ao certo porquê.

Disse-o ontem com elevação Antonio Sardinha: ali dentro o que ha é portugueses contra portugueses. Resolvida a colaborar na obra nacional do momento politico, resolvida a transigir sem abdicar, a representação da Causa monarquica encontrou logo, dentro do parlamento,a intolerancia sectaria, e as baixas paixões de facciosismo.

As proprias afirmações historicas opostas á calunia torpe da maçonaria que se substituira á visão exacta dos factos, essas affirmações são impugnadas em apartes iracundos, malcriados e imbecis.

Mas a maior descoberta dos senhores da maioria, ou antes da serie de grupelhos que se convencionou chamar maioria, é a do sr. Lial, de facto extremamente lial no nome.

A acusação de germanofilismo é hilariante.

Ninguem como nós, integralistas, defende o pensamento latino contra a hegemonia mental alemã.

Ninguem como nós, integralistas, repele a metafisica de alem-Reno.

Ninguem melhor que nós, integralistas, se bate e morre nos campos de batalha, ou serve cá dentro a ideia nacional, nesta peleja ingloria contra o estranjeiro do interior, contra o sangue bastardo dos sem-patria, contra o desvario dos possessos duma ficção envenenada.

E é a um de nós que, sobre um trecho deturpado dum artigo escrito antes da nossa entrada na guerra, se pretende atingir com o epiteto de germanofilo? Se isto não fosse tão triste, seria imensamente comico!

Mas nós não queremos sequer discutir a proveniencia ou a tempera das armas de que usou o sr. Lial. A sua justificação triunfante fe-la ontem no parlamento o proprio factor-principal d'*A Monarquia*.

Cabia-lhe o direito da defeza, o mais sagrado de todos os direitos, a mais inviolavel de todas as garantias. Mas a maioria entendeu que não; quiz juntar á traição do ataque, á perfidia da insinuação, mais um gesto admiravel e expontaneo, contra o qual das bancadas da esquerda apenas duas ou três fardas deputadas reagiram nobremente.

A maioria acobardou-se das explicações. Tinha-se falado já de Bazilio Teles e das suas opiniões sobre a guerra; quem sabe lá o que viria depois! Receou talvez a maioria que lá dentro se dissesse alto e bom som que, depois de Naulila, o governo Pimenta de Castro fez cumprimentar o ministro alemão no dia dos anos de Kaiser, e que o governo Pimenta de Castro teve até ao fim o apoio entusiasmado do sr. Machado Santos. E como isto seria delicioso depois dos apoiados que pontuaram as palavras com que ontem, naquela camara, o sr. Celorico Gil se referia ao velho general. Tinha-se esquecido de tudo isto o deputado machadista? E' provavel, tanto mais que nessa época ainda o sr. Lial-vegetava na massa amorfa dos impossiveis.

Receiou a maioria que do lado de cá houvesse alguem que perfilhasse as insinuações venenosas da certa passagem do *Valenciano*, transcrito n'*O Mundo* do dia 18 de junho, e em que se baralha desastradamente o nome do sr. Machado Santos com uma questão irritante e pouco limpa de folhetos germanofilos? Supoiam os ilustres deputados que os processos do sr. Lial são as nossas armas de combate?

Enganou-se a maioria. Era escusado cometer essa covardia sem qualificação, coarctar o direito de defeza a quem se justifica duma calunia desprezivel, a quem proclama os direitos da sua inteligencia, e o orgulho do seu patriotismo. Foi inutil e tola a attitude da maioria. Comprometeu-se sem necessidade, acolhendo e acarinhando uma agressão que devia repelir indignadamente, porque se trata dum ataque miseravel, duma especulação torpe que homens de bem não podem produzir ou perfilhar.

Cortando a palavra a quem se defendia com altivez e nobreza, a maioria deixou de merecer a consideração duma resposta. Que de futuro este exemplo sirva de lição a quem lá dentro representa a Causa monarquica, tão dignamente.

Armando da Silva

Estreia parlamentar

O nosso presado colega *O Dia* referese com palavras do mais caloroso elogio á estreia parlamentar do nosso querido redactor principal Dr. Antonio Sardinha.

Agradecendo ao *Dia* a sua penhorante amabilidade, tomamos a liberdade de transcrever o seguinte trecho:

Muito erudito e muito fluente, o sr. dr. Antonio Sardinha fez uma interessante e vigorosa exposição de critica historica que se impoz á consideração de toda a camara, embora a maioria estivesse numa visivel má disposição que a levou a cortar de *apartes* os discursos de estreia, o que é contra as velhas e boas praxes parlamentares.

Falencia parlamentar?!

Era assim baptizado com esta interrogação de uma velha crença romantica curvando-se perante a dura lição dos factos, o notavel *fundo* de ontem do nosso prezado colega *O Liberal*.

Firmava-o o brilhante espirito de Rocha Martins e nele se fez o depoimento vibrante das suas inteligentes observações, aproximando factos, constatando sempre, para afinal se concluir em tres periodos que difinem o Parlamento:

«*Elle é hoje, como hontem, a liça onde se rhetorisa com a ambição nas cadeiras ministeriaes. E' uma arena para adoçados de boa voz que veem para ali representar. Mais nada*».

Mais nada?... Pois então, com o nosso aplauso de regosijo, permita-nos Rocha Martins que vejamos na inteligencia das suas observações uma prova bem clara de que começam a andar concordes os nossos pensamentos, pelo que respeita á burla parlamentar, sendo-nos legitimo esperar das suas notaveis faculdades criticas e vasto saber historico que depressa abandone a ideia ainda romantica de defender o que está por descobrir: — *Um parlamento util* numa Nação de latinos, que *não seja palco de exibições* grotescas ou ridiculas, e *onde se não insultem* pessoas ausentes, consoante o interesse dominante dos partidos.

De rabona e cabeleira

O nosso colega *A Situação* respondenos em ar de acrimonia, mantendo o seu regime de apartes, como se estivessemos ainda nas alegrias da Federação Academica. Prezamos muito a mocidade e a valentia, ainda que ela seja surda ou não saiba ouvir...

Tanto a prezamos que são dos nossos melhores amigos pessoaes e politicos, os alferes Godinho Tavares e Menezes Pereira, que o sr. Botelho Moniz deve naturalmente conhecer, não de Belem, mas da Rotunda...

Quanto a sciencia mal assimilada, quando se fizer a historia intima da Republica-Nova se saberá então de quem era a sciencia e quem é que a assimilou mal. E por agora, entendidos, se o nosso presado colega se contenta com estas explicações balbuciadas ininteligivelmente... para os outros. Porque para nós...

No Parlamento

E' com grande prazer que registamos as nobres palavras do nosso colega o «Diario Nacional». Sobre a brilhante estreia do nosso redactor principal, sr. dr. Antonio Sardinha, e o procedimento da Camara na sessão de ontem, diz, entre outras coisas, o jornal do dignissimo Representante de El-Rei:

A sua estreia, na discussão incidental levantada a proposito da partida de D. João VI para o Brazil, foi uma bela prova, não só dos dotes oratorios do sr. dr. Antonio Sardinha, mas tambem da sua erudição historica.

Na sessão de ontem deveria o illustre jornalista falar a proposito duma accusação tão grave como falsa que lhe fôra feita numa sessão anterior. Pois «pela primeira vez», quando estava falando nestas condições o sr. dr. Antonio Sardinha, se invocou e se fez cumprir a disposição regimental que limita a 10 minutos o uso da palavra antes da hora.

Este procedimento da Camara já seria indesculpavel. Mas a incrivel violencia agravou-se ainda pelo facto de ter vindo de novo o sr. Cunha Leal, quando loe chegou a palavra, insistir contra o sr. dr. Antonio Sardinha nas mesmas accusações de que a Camara lhe não permitira de que se defendesse.

Tal procedimento, se dá ideia da atmosfera que ali domina e dos processos que se estão pondo em uso por parte da maioria, só pode grangear mais simpatias ao brilhante deputado monarquico.

«O nosso germanofilismo»

Fala na Camara o Dr. Antonio Sardinha

Primeiro inscrito para a sessão de ontem é nestes termos que o dr. Antonio Sardinha toma a palavra: — «Encontrando-me hoje novamente no uso da palavra, devo confessar a V. Ex.ª, sr. Presidente, que não tenho o gosto de casa frases engomadas nem trapos de aparato. Venho aqui unicamente falar a linguagem franca da verdade, dizer da minha justiça. Se ilusões vivessem ainda no meu espirito sobre o que seja a oratoria latina, essas ilusões teriam desaparecido ontem! Numa camara constituida por uma maioria que pretende ser o apuro das capacidades deste país, eu constatei com magua que a assembleia, influenciada pela psicologia das multidões, resultava naquelle que Melchior de Vogué, mestre amado do meu pensamento, classificou no seu livro «*Les morts qui parlent de l'atmosfera do odio*» Livro notavel, ele ensina-nos, senhor Presidente, que no verbo inflamado dos parlamentos não é muitas vezes o individuo que se exprime, mas sim o seu sub-consciente, as suas manifestações atavicas, impondo-se descricionariamente á sua vontade.

Senhor Presidente: — dir-se-ia que, ontem nesta sala resuscitavam as velhas querelas ancestraes que dividiam a nacionalidade portuguêsa. Dir-se-ia que não estavam aqui portugueses apenas; mas portugueses contra portugueses. Os Mortos falavam em nós e não eram decerto os melhores...

Doloridamente ocorreram-me então as razões daquele barão de Trezentos, quando a morte de D. Fernando lançava a nacionalidade para uma crise aguda: — «*Seja tudo contra Portugal e Portugal contra si mesmo*!» Má hora em que os nossos soldados oferecem lá longe a sua vida em holocausto á Patria, nós, em logar de correspondermos a esse sacrificio generoso, somos de modo, se não amplamente, a justificação das palavras do conde João Afonso Telo: — «*Seja tudo contra Portugal e Portugal contra si mesmo*!

A Patria não existe para nós, no meio das nossas discordias fratricidas, como uma coisa sagrada e imortal, muito acima dos nossos preconceitos, muito acima das nossas opiniões momentaneas e transitorias. A Patria invoca-se a capricho, sem respeito, como se fosse bandeira exclusiva de cada um dos partidos em que Portugal se retalha, como a tunica de Christo. E assim, senhor Presidente, nós vemos as acussações mais indecorosas serem gratuitamente lançadas á nossa dignidade e á nossa inteligencia, porque a conveniencia sectaria das facções a isso nos constrange e arrasta.

A demagogia, vencida em 5 de dezembro, atirou para a cadeia e para o exilio, envoltos em suspeições infames, a muito monarquico e a muito republicano. Tinha que ser derrubada. Foi-o pelo movimento revolucionario que veiu abrir em Portugal um periodo de respiração mais livre e mais demorado. E a que assistimos nós imediatamente? Esse acto libertador, aplaudido e recebido pelo país inteiro, era deturpado sem tardança com propositos baixos de traição. Calcada, a demagogia não hesitou em servir-se de toda a especie de insinuações, com o fim unico de prejudicar a situação presente, em face do concerto das potencias aliadas. Entretanto, eu que pertenço á minoria monarquica, que representa aqui com lealdade um baluarte inabalavel, não duvido nunca do patriotismo dos homens de 5 dezembro, como não duvidara do patriotismo de aqueles que já antes, em 13 de dezembro, haviam tentado o golpe salvador que um ano depois despedaçou a gilhetina que pezava sobre quantos desejavam apenas a grandeza e a liberdade de Portugal.

Deste forma, senhor Presidente, eu que não duvido do patriotismo de ninguem, não admito, não consinto, seja a quem fôr, que duvide do meu!

Eu não venho aqui acusar ninguem, senhor Presidente! Nem tampouco me venho defender! Venho simplesmente inutilizar o equinoco, desfazer uma interrogação que impende sobre o meu nome, explorada e engrossada pela sanha jacobina, por esse odio que nunca perdôa. Denunciam-me, senhor Presidente, como germanofilo! Bem alto o declaro aqui, na Camara dos Deputados, em sessão publica, porque é neste logar, bem á face do país, que a todos nos ouve, que eu que eu quero esfarelar uma calunia sem consistencia!

Não preciso de invocar, senhor Presidente, meu irmão mais novo, de quem fui um segundo pai, batendo-se em França contra os alemães. Não preciso de invocar um dos amigos mais queridos do meu coração, o capitão Anibal de Azevedo, meu companheiro nas mesmas reivindicações tradicionalistas, que lá fóra foi promovido por distinção e galardoado com a Cruz de Guerra. Tambem não preciso de invocar o espirito gentil, a alma formosissima dum outro grande amigo, que em 9 de abril tombou debaixo do ceu da Flandres, — o alferes Alexandre Cabeças, a quem não ha muito o senhor Bispo de Portalegre chamava com sentida homenagem o Peschari português. Mas invoco, sem apelar para essas honrosas afinidades pessoaes, o principio monarquico, que eu sirvo aqui, o qual tem por si a abona-lo quasi oito seculos de historia nacional, e que eu emprazo a que sejam meus fiadores igualmente!

Ha neste lado da Camara antigos soldados, como o senhor conselheiro Aires de Ornelas e o senhor dr. Cruz Amante que, em Africa se encontraram nas campanhas heroicas de Mouzinho. Professam as idéas que eu professo. Certamente carecieres desta tempera não consentiriam nunca que o mesmo estandarte nos cobrisse indiferentemente, se eu colocasse quaesquer intuitos de ordem duvidosa acima dos interesses indiscutiveis da Patria!

Eis o motivo, senhor Presidente, porque eu, que não estou aqui, nem para acusar, nem para me defender, — insisto, nunca deixei de acreditar no patriotismo do senhor Bazilio Telles. Ainda ha poucos dias o seu nome foi saudado na Camara pelos senhores deputados da maioria, não me esquecendo eu de que os homens de 5 de Dezembro instaram calorosamente junto de S. Ex.ª para que colaborasse com eles na salvação do país. Todavia, esse escritor, já depois da nossa participação na guerra, tem sustentado as opiniões que todos nós lhe conhecemos...

Isto não é uma insinuação: é apenas a verificação dum facto!

Eu sou, Senhor Presidente, defensor de doutrinas que não sendo as do século, são as de todos os séculos, — na frase admiravel de Bonald. Assim não é para estranhar que o jacobinismo se esforce, embora baldadamente, por obscurecer as minhas intenções.

Afirma-se, Senhor Presidente, que emquanto os nossos irmãos se batem e morrem, eu desejo veementemente que a victoria da Alemanha seja o desfecho do drama tremendo em que a civilisação inteira se contorciona.

Não ha só, Senhor Presidente, os direitos do pensamento. Ha ainda a sua inviolabilidade. Trunca-lo, mutila-lo, é um abuso, é uma mistificação, é uma burla, é um crime, que a lei deveria punir com o maior dos seus rigores!

Eu recordarei a este proposito um episodio que v. ex.ª não desconhece. De uma vez, um grande orador sacro da nossa terra, naturalmente Vieira, ao subir ao pulpito perante um auditorio que se comprimia de enciedade, não hesitou em abrir o exordio, declamando demoradamente: — *Maldito seja o Padre, maldito*

seja o Filho, maldito seja o Espirito Santo!»

Não pintarei a v. ex.ª Senhor Presidente, o espanto aterrorisado da assistencia. Mas logo sereno o orador acrescentou: — *E' como blasfemam nos horrores do abismo os Neros e os Diocleciano!*

Ora poderiamos nós em espirito de justiça, Senhor Presidente, definir a fé, a ortodoxia desse orador por um trecho solto do seu discurso? Indubitavelmente que não. Pois não é outra coisa o que se sucede comigo. Explora-se como aleivosia uma passagem arrancada a um estudo sobre os valores moraes da guerra, bem anterior á nossa entrada no conflito europeu. Saiu esse estudo a lume na revista de filosofia politica, — *Nação Portuguêsa*, em dezembro de 1915. E' a publicação que eu tenho a honra de enviar para a mesa.

Em dezembro de 1915, declarei eu, exactamente uma data em que o barão de Rosen se encontrava ainda em Portugal conversando muito tranquilamente em Belem com o senhor Bernardino Machado. E' donde vem a exclamação que os meus detractores repetam e glosam diariamente a cada segundo :—*A nossa derrota será, latines, a nossa salvação!*

O meu intuito era, Senhor Presidente, bem manifesto. Victima da mentira democratica, a França sacrificava a essa mentira o sangue inflamado da mocidade catolica e nacionalista que vibra nas paginas de Agathon. Maudava Callaux, saudava o bando sinistro que votando a *lei dos dois anos*, tinha quasi desarmado o seu país. Não ia distante o episodio de Agadir, a cedencia negociada do Congo francês. A França de S. Luís continuava cega duma miragem fatal. Cegava-a a demencia internacionalista dos principios, a cuja sombra o inimigo preparava habilmente o *avant-guerre*. De maneira que só na explação...

(O senhor Cunha Leal, interrompendo : —*V. Excelencia ainda tem a ousadia...*)

O que diz V. Ex.ª? Não sou só eu que o afirmo. Afirma-o um francês, senhor Presidente, que a maioria da Camara não tomará bem como vendido bem como reacionario. E' Lysis, pseudonimo já bem vulgarisado nos seus livros, —*vers la démocratie nouvelle et pour renaître.*—Pois no seu ultimo livro *L'erreur français*, Lysis fornece-nos depoimentos, como este, senhor presidente, que eu peço licença á Camara para ler : — *Trata se de saber se nós queremos confiar os principios á França, ou a França aos principios. Se nós sacrificamos a França aos principios é baldadamente que nós filhos terão movido; e baldadamente que os nossos heroes terão sido mutilados, ficando inutilisados para sempre e arrastando uma existencia miseravel e baldadamente que as nossas mulheres terão sofrido os peiores ultrages. No entanto nós compensar nos-emos pensando nos principios!*

Nesta altura um anonimo da maioria, repoltreado na sua cadeira como o vilão em casa de seu sogro, gritou, bocheichou e elvar: — «Senhor Presidente, invoco o artigo 60 do regimento!»

O presidente para o dr. Antonio Sardinha: —«Peço a v. ex.ª que resuma as suas considerações.» O dr. Antonio Sardinha: —«Solicito a v. ex.ª que consulte a Camara sobre se permite, ou não, que eu continue no assunto, visto reputa-lo de urgencia para minha defeza...»

Um de oculos, que tocava rabecão no nosso tempo de Coimbra: —«V. Ex.ª disse que não vinha defender-se...»

O dr. Antonio Sardinha: —«Não vinha defender-me, realmente. Mas vejo-me agora obrigado a faze-lo pela atitude de V. Ex.ª». Entrementes, consultada a Camara, não consentiu que o orador continuasse no uso da palavra.

O dr. Antonio Sardinha:—Por esta forma fica-me coarctado o direito de defeza!»

* * *

Viva a Liberdade! Mais uma vez triunfaram os Imortaes-Principios, levados á gloria pelo capaxinho do senhor Egas Moniz! A maioria pagava assim ao dr. Antonio Sardinha a lição de historia que na vespera recebera. A minoria monarquica, quando o Presidente consultou a Camara, manifestou-se no sentido de que o orador continuasse. Foi acompanhada pelos deputados catolicos, independentes e independentes republicanos, entre os quaes o senhor Celorico Gil. Alguns militares,—dois ou três, se levantaram tambem nas bancadas da maioria. Honra lhes seja! Tudo mais foi a borregada de Panurgio, a quem já se havia sido passado o recado.

O dr. Antonio Sardinha pediu ainda a palavra para antes de se encerrar a sessão. Por falta de numero não usou dela. Na Camara, é uma questão morta essa que tão expontaneamente lá colocou. Mas o que ha de mais extraordinario é a atitude do senhor deputado Cunha Leal, que de Leal só tem o apellido e de Cunha as muitas de que deixou memoria no falecido ministerio da Subsistencias. Estava o senhor Cunha Leal inscrito para depois do dr. Antonio Sardinha. Vira como a palavra lhe fôra negada, com pretexto nos dez minutos regulamentares. Pois não hesitou em atacar o nosso querido amigo, que se viu na necessidade de o interromper com vigor por mais duma vez. Em que consistiam os ataques do senhor Cunha Leal,—o homem da republica em tamanho natural e das glorias *mais grandes*»? No referido chá de Tolentino. Chá,—no sentido figurado, comprende-se.

Apontamos as suas razões. A primeira, —é aquele em que mais insistia, era que em dezembro de 1915 já correra sangue nosso em Naulila. Lá que correra, correra. Mas isso não inhibia o senhor Machado Santos de apoiar e defender o ministerio Pimenta de Castro, que se constituiu havendo já sucedido esse nosso desastre. Contudo, o barão de Rosen continuava na rua Formosa, no palacio Pombal, onde foi cumprimentado pelo aniversario do Kaiser em nome do governo que o senhor Machado Santos apoiava. Ora o senhor Machado Santos é o pai espiritual do senhor Cunha Leal e o senhor Cunha Leal é o outro metade.

Com o processo minuciosamente informado, tambem o senhor Cunha Leal leu o soneto,—*A Paixão das trincheiras*. Que lha de estranho nele? A França terra sem perdão, é a França da Revolução, donde nos veio a lepra do maçonismo. Que é propaganda derrotista! Então, porque não fuzilam Georges Valois, tres vezes citado e promovido diante de Verdun, que no seu livro, *Le cheval de Troie*, diz que os soldados franceses são vitimas de Jean-Jacques Rousseau? E' enorme, é desmedida a inocencia intelectual do senhor Leal, só no nome. Porque se não fosse Leal aconselhavamos-lhe o livro de alguem que se bateu,— *Le revell de l'esprit*, de Valle-ry-Radot, onde o ultimo capitulo nos apresenta, na paixão das trincheiras, o soldado francês, como um *«agneau chargé des fautes de tout un peuple.»* E Vallery-Radot bateu-se, esteve debaixo de fogo. Não nos consta que até agora houvesse sido acusado de derrotista.

Só faltou, para a festa ser completa, a quadra dos cravos de Santo Antonio. Fr. Adelino do Sagrado Milagre de Tancos assistia, mas assistia em silencio, salvo o erro. O dr. Antonio Sardinha é que a lembrou do seu logar, para que o processo fosse completo.

Que lição a concluir? A da nossa verdade politica,—que o parlamento é sempre o parlamento, que ali de tudo se cura menos de aquilo que importa ao bem comum. Pode o dr. Antonio Sardinha sentir-se satisfeito. O seu germanofilismo é hoje materia para arremetidas de cães que ladram, mas não mordem. Ficou pulverizado, e bem pulverizado, na sessão de ontem.

Batendo certo

A *Capital*, reproduzindo o que certos jornaes registavam, atribui ao dr. Antonio Sardinha a afirmação de que D. João VI, ao embarcar, não sabia ainda da vinda dos francêses. Não foi isso o que se disse na Camara. O que se disse foi que o rei ignorava o avanço das tropas de Junot, e só soube dele, quando já caminhavam junto a Abrantes. De resto é o que se lê em Acursio das Neves, na *Historia geral da invasão dos franceses*.

«Por uma fatalidade que custa muito a explicar,—diz José Acursio—, não foi exactamente informado no tempo em que o devia ser das marchas do inimigo: este pisava o territorio de Portugal e ainda em Lisboa se supunha que ele estava em Salamanca. Tenho de uma personagem muito verdadeira e muito respeitavel, que recebera cartas pelo correio ordinario de Chaves, e outros logares das fronteiras em que se faziam as competentes participações do numero, do tempo e do miserc estado em que as tropas francesas vinham marchando pelo Castella: elas serião logo presentes a A. S. R. se chegassem a tempo; mas só forão recebidas muitos dias depois do embarque, tendo sido retardadas no correio. Julgo muito provavel que em 22 de novembro chegou a noticia de que o exercito se aproximava, mas a 24, dia em que ele estava em Abrantes, he que a côrte teve a participação formal e circunstanciada.»

Fala um contemporaneo. Que terá agora a *Capital* que observar?

A' "Opinião"

Reconhecia hontem esta folha a lialdade das explicações dadas aos jornalistas que trabalham no parlamento, pelo nosso redactor-principal.

Apezar disso, insistiu em agressões disparatadas ao nosso amigo Séve d'Oliveira. Esqueceu a *Opinião* o bom principio de que a correcção exige a correcção. Ou quererá a Ofelia acabar por perder a razão que eventualmente lhe teria assistido no começo deste aborrecido incidente.

Achamos bem...

Pede *O Mundo* em altos brados que seja averiguado o paradeiro dos objectos roubados de casa do sr. Afonso Costa durante o assalto á mesma por ocasião da Revolução do «8 de Dezembro», quando as peças do alto da Avenida vomitavam ainda a sua metralha sobre a cidade.

Mas, seria injustiça o esquecermo-nos de reclamar que o mesmo seja feito com respeito ás pratas da sr.ª Condessa de Ficalho, ao tapete da *Restauração* e ao tinteiro dos *Ridiculos*, assaltados durante um periodo que só se pode dizer *revolucionario* se considerarmos que depois do *5 d'Outubro* ainda não houve em Portugal um instante de paz...

No acha o *Mundo* que nós temos razão?...

∴ INUNDAÇÕES GRANIZOS ∴
∴ E ENXURRADAS ∴
SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra acidente e morte natural, efetiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Lotes 9,1.º. Porto da qual são delegados em Lisboa
V. Cunha & C.ª
R. do Comercio 28, 1.º Tel — 306

Os semelhantes atraem-se...

E' de pasmar a facilidade com que em Portugal se faz dum desconhecido, dum Zé-Ninguem de que jámais se ouviu falar, um chefe de partido, uma personagem graduada na vida politica.

Ora o sr. Pedro Fazenda não é positivamente um Zé Ninguem. E' um modesto professor dos liceus que, dedicando-se apenas ao seu trabalho até aqui—no que cumpria o seu dever—nos aparece agora á ultima hora feito *leader* da dissidencia do partido centrista. Mas, quaes as qualidades que o impõem á consideração daqueles que o proclamaram chefe? Verdade seja que entre todos eles... talvez seja o melhor!

Chega-nos tambem a noticia de que o mesmo senhor teve uma conferencia com o sr. Machado Santos, pondo-se d'acordo com *Sua Ex.ª* sobre a attitude perante o governo. E' bem certo o ditado: — Os semelhantes atraem-se...

Novidades literarias

«Sintaxe historica portuguesa», por Epifanio Dias, 1 vol. enc., 2$000.
«Contra um plagio do Prof. Th. Braga». Dados para a ethno-psicologia literaria d'uma pedantocracia, pelo Dr. Ricardo Jorge, 1 vol. 700.
F. de Figueiredo, «Estudos de literatura», 2.ª série, 700.
Teixeira Gomes, «Inventario de Junhos», 2.ª edição, 800.
Tude de Sousa, «Arvores florestaes» 500.
D. Emilia de S. Costa, «Economia domestica», 500.
D. Emilia de S. Costa, «Polichinelo em Lisboa», 400.
D. Emilia de S. Costa, «Castelos no ar», 500.
L. de Moraes, «Metodo pratico de escrever sem erros», 250.
«Cartas do outro mundo», ditadas a E. Barker, 700.

Livraria Classica Editora
17, P. dos Restauradores, 17

S. Bento

Mal acertada ideia aquela de restaurar exteriormente o edificio de S. Bento quando lá por dentro, de decomposição em decomposição, os processos politicos cada vez mais pôdres e mais vergonhosos tornam a cada instante mais eminente e mais irreparavel a ruina do edificio parlamentar.

Lá estivemos ante-ontem, mudo espectador da galeria n.º 5, a ouvir os estenderetes da maioria em historia e a verificar a sua baixa politica e pessima moralidade, a sua optima indisciplina e a sua inferior intelectualidade.

Pessimos servidores os do sr. Doutor Sidonio Pais!

Correndo com um olhar rapido a esquerda da Camara encontramos a pouca distancia uns dos outros o sr. Egas Moniz, o sr. Cunha Leal, o sr. Fidelino... Egas Moniz, Leal, Fidelino... Como se o simbolico nome de Egas Moniz não fosse suficiente para acordar em nós a ideia da lealdade—sr. Cunha Leal, da fidelidade—sr. Fidelino!

E, no emtanto, olhando para trás, para um passado recente, nós vemo-los monarquicos (alguns até franquistas!) e depois republicanos, no tempo da monarquia; republicanos alguns no dia 5 de Outubro; monarquicos ao tempo das incursões e das conspirações para restaurar o Trono; republicanos no dia Oito de Dezembro; monarquicos talvez ainda um dia; incoerentes, anarquistas do pensamento, desordeiros e ambiciosos desde que nasceram para a politica, até que a morte os leve de presente a Pero Botelho a quem venderam a alma.

Egas Moniz, Leal, Fidelino, que ironia!...

O sr. Amancio de Alpoim, herdeiro dum nome vistoso, muito furta-côres, apela para os seus reduzidos conhecimentos historicos, reminiscencias longinquas da instrução primaria e afirma, *toat court*, que Dom João VI *fugiu* para o Brasil. Dados historicos comprovativos da sua afirmação, autores e documentos, não os cita, contentando-se com repetir o que leu nalgum compendio ordinario, talvez para não confundir o Parlamento com uma Academia de Historia, como ao depois disse doutoralmente o sr. Fidelino esquecendo-se de que numa Academia de Historia não estaria ele nem o sr. Amancio, que por sinal é bastante bravo. *Amanse-o* quem puder, porque senão talvez se lhe aplique o dito do sr. Ministro do Interior sobre o caminho da fronteira, que pode muito bem ser o de Salamanca...

Ora a verdade é que as coisas provam-se onde se afirmam; e que é tão proprio (ou tão impropriо!) duma Academia de Historia dizer que Dom João VI fugiu, como fazer a respectiva prova documentada. Erros grosseiros, como aquele de que o sr. *Amanse-o* se fez ece inconscientemente na sessão de 2.ª feira, nem já teem efeito nas galerias, onde o publico mostrava a maior indiferença ou a mais completa repulsão pelas parvajolices de sua excelencia.

O sr. Fidelino, filosofo metafisico e abstracto da razão pura—germanofilo, portanto—amarelo e esguio como uma traça que se tivesse desenvolvido a roer as paginas de alguma velha Biblia *literalmente examinada*, quero dizer, adulterada por algum discipulo de Lutero ou de Calvino, é aquele senhor que depois de varias metamorfoses politicas se evadiu aos contactos do sr. Camacho no Centro do Calhariz.

Politicamente desastrado, deve-lhe a maioria o ter ficado ontem completamente desmascarada nos seus intuitos de baixa politica a proposito da homenagem ao Brasil; quanto á *fuga* do senhor Dom João VI, o sr. Fidelino que é secretario da Sociedade de Estudos Historicos, não teve a coragem nobre das afirmações decisivas. Balançou-se entre cá e lá, numa dubiedade de palavras e de racioncinios, que completam o ar de pastor evangelico que lhe atribui a falhada barbicha loura, o obsoletismo da sua metafisica e os oculos com os aros de ouro.

O sr. Cunha Leal que, com o seu exterior de negociante de generos por grosso e a retalho, deve atrair as atenções fiscalizadoras do sr. Botelho Moniz, émulo do famoso ditador Batoki, prima pela irreverencia como pela selvajaria das gargalhadas.

Infelicissimo na sua alusão á saida do Senhor Rey Dom Manuel para a Erijeira, atacando o ultimo reynado, coloca em péssimos lençois o chefe da maioria que se desforra num mutismo apavorado.

Que amargos pensamentos deviam ser os do sr. Egas Moniz na sessão de 2.ª feira! Ele, o antigo servidor da Corôa, chefe duma maioria parlamentar em que se afirma, pela bôca do sr. *Amanse-o*, que a viagem d'El-Rei o Senhor Dom Carlos ao Brasil seria destituida de significado nacional porque o Rey não era mais do que o chefe dum partido politico! Em que pela bôca do mesmo *bravo Amanse-o* se diz que El-Rey Dom Carlos *foi morto*, com o mesmo ar satisfeito com que se diria que *foi justiçado*, se lá não estivesse quem, como o sr. Rocha Martins, gritasse cheio de indignação : — Assassinado, assassinado é que foi!

Aterrador silencio o do sr. Egas Moniz!

Talvez o picasse algum grande remorso!

E contrastando com toda esta miséria, a um tempo fútil e preversa, da maioria, a coerencia e coesão admiraveis da minoria monarquica, o poder disciplinado e forte dum grande principio sobrepondo-se absolutamente ás correntes politicas ou filosóficas! Desde o sr. Ayres d'Ornellas ao sr. dr. Lobo d'Avila Lima, que ambos puzeram com eloquencia e com clareza despida de artificios a questão levantada pela maioria sobre a proposta de estreitamento de relações com o Brasil (que, digo-se de passagem, para ser uma homenagem agradavel deveria ser votada por unanimidade, depois das declarações do estilo, na mesa da sessão em que foi apresentada, evitando-se assim o degradante espectaculo d'ontem), desde o sr. Ayres d'Ornellas e do sr. dr. Lobo d'Avila Lima, repito, até ao sr. dr. Antonio Sardinha que fez um improviso cheio de citações eruditas desfez a *tenda da fuga para o Brasil*—sob a chuva das imprecações jacobinamente ignaras e intolerantes da maioria—em todos os deputados monarquicos se revelou uma uniformidade de vistas, quanto á questão politica debatida, e de conceitos, quanto á questão historica barbaramente tratada pela maioria que, ao sr. Egas Moniz, que tem comungado em todos os credos politicos e que está elucidado já sobre a tropa fandanga que tem sob as suas ordens, deve ter despertado mais uma vez o desejo de aderir... quero dizer, de desaderir do partido em que se encontra.

Eis umas desataviadas impressões sobre a sessão de ontem.

Quem diria ao Senhor Rey Dom João VI, tão mal tratado pela Assembleia Nacional, que, um seculo depois, no seio da mesma representação nacional, Ele encontraria a justificação e a defeza de um acto de sabia politica, que era ao mesmo tempo uma medida já tradicionalmente apontada como salvadora em circunstancias identicas, e que lhe valeu, durante um seculo de oprobrio e de dominio maçonico os ataques dos patrioteiros internacionaes!

Não se atreva a maioria a abocanhar as figuras maximas da Historia portuguêsa, porque com isso só excita o desprezo de todo o país. Do que se passou na Camará dos Deputados, conclui-se, sem esforço, que não é patrimonio de todos a Historia de Portugal, porque nem todos a conhecem e respeitam como verdadeiros portuguêses.

E a indignação causada por esse facto é tão grande que, a meu lado, um joven oficial do exercito, novo e corajoso como esses que ao lado do sr. major Sidonio Pais se bateram para deitar abaixo o governo demagogico, ouvindo a retorica brava do sr. *Amanse-o* espernear sobre a memoria augusta desse grande Rey que foi o Senhor Dom Carlos I, dizia cheio de indignação:

—Vamos para a revolução. Façamos outro *5 de Dezembro* para tapar as bocas áqueles...

Omito o qualificativo por ser muito de caserna e pouco parlamentar.

Eis o que traduz verdadeiramente o sentir do país e que submeto á apreciação, que espero esclarecida, do Chefe do Estado que, pela primeira vez, bateu certo quando engeitou, em Algés, junto a uma panela de sopa fumegante, o chamado Partido *Nacional* Republicano.

Triste futuro espera, portanto, os partidarios espinoteantes do sr. Egas, *troupe* de excentricos, ou ex-centristas, cujo chefe terá de ir com a sua *lealdade*—o sr. Cunha Leal, e a sua *fidelidade*—o sr. Fidelino, pôr-se ás ordens dum novo patrão, exercendo assim a sua função normal de *adestro que desadere*.

Egas Moniz, leal, fidelino, que ironia!...

G. de Ayala Monteiro.

Não façam cerimonia!...

Duma cronica do sr. Carneiro Geraldes, colaborador da *Situação*, publicada no *Jornal das Colonias* no seu primeiro numero:

«E' pois natural que, dissolvidas as camaras uma aproximação com as esquerdas se não faça esperar.»

Natural? Naturalissimo!...

Pois não foi para isso que os monarquicos fortaleceram a actual situação desde o principio e foram votar no presidente da republica?... Porque hesitam pois?

Por aqui se prova que a Republica, seja de que edade fôr, nunca poderá passar sem a sua querida Demagogia. Tirem-lha por um momento se quereis vel'a a gritar por ela como as creanças por rebuçados!

Mas, todos os males teem o seu lado bom:—é esta forma lá se vão todos os sonhos confessos do sr. Egas Moniz de *aglutinação* dos melhores elementos da Causa Monarquica...

Ecos das camaras

Continua a falar-se nas duas casas do parlamento.

A oratoria é já uma instituição secular e familiar. Deixou de ser uma habilidade para ser um expediente: — quem melhor arenga mais sabio é.

A oratoria, como uma febre maligna, invadiu tudo, assolou tudo e em tudo assentou arraiais.

Filha bastarda das feiras e dos dentistas, desceu á cidade, sentou-se nos comicios, entrou nos jornaes, penetrou como uma blasfemia nos cemiterios, estragou os anos de familia e assaltou-se por fim no Parlamento.

A victoria é a reabilitação do papagaio como ser falante.

Não se julga uma pessoa pelo que ela pensa, mas pelo que ela diz.

Fulano e Beltrano falam bem. Pois o vulgo considera Fulano e Beltrano entes extraordinarios de inteligencia, de saber e de genio.

Como a oratoria ainda continua neste Parlamento, sómente os arengadores podem falar e ir alem dos dez minutos regimentais.

O sr. Egas Moniz, ex-franquista, ex-monarquico, homem de convicções como certos relogios que só teem corda para um ano, o sr. Egas Moniz, elevado por si mesmo (vaidade das vaidades!) a chefe excentrico dum partido ex-centrista, proibiu aos seus subditos que as verdades se dissessem e fizessem ouvir. Pode-se arengar, pode-se chorar como o sr. Amancio, recitar versos como o sr. Leal da Cunha, pode se fazer bulha, mas dizer a verdade não, e mil vezes não.

A verdade deve ser amordaçada. Para isso se inventou a mentira e se fabricam as culas...

Nota final—O sr. Amancio de Alpoim ainda não foi entregue do presente capilar do sr. Moniz dos centros nervosos.

Os deportados

João Borges e C.ª

Já estão todos presos os individuos, deportados pelo governo que, como se sabe, regressaram um destes dias a Lisboa, vindos de Angola, com documentos autenticados pelo governador.

Segundo ouvimos nas estações oficiais, trata-se de uma ilegalidade cometida por um dos delegados do poder central.

Os ilustres que vieram de Loanda vão novamente ser chamados para aquela nossa possessão africana.

Transcripção

O nosso presado colega «Comercio de Vizeu» transcreveu no seu penultimo numero o artigo «A tomada da Bastilha», do nosso querido amigo João de Mello Lapa (Vila Nova de Ourem).

Muito agradecemos tão subida honra.

Companhia dos Tabacos

A' hora de fecharmos o nosso jornal está reunida a assembleia Geral da Companhia dos Tabacos, para discutir o relatorio e contas da gerencia e preencher, por meio de eleição, as vagas dos corpos gerentes.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Achando-se os aliados de posse de La Fére-en-Tardenois é nossa convicção de que os alemães só farão alto na sua retirada entre o Marne e o Aisne, quando ultrapassado este ultimo rio, que lhes servirá, como ontem notámos, de fosso.

Daí por diante reputamos muito fracas as probabilidades que Foch terá em proseguir na sua contra-ofensiva, porque um rio não se passa com essa facilidade e porque ninguem se iluda: o inimigo, se bem que quebrantado nas suas energias pelo fracasso da sua ofensiva de 15 deste mez, não está ainda, nem certamente o estará nestes anos mais proximos, tão em baixo que um leve assopro o leve por ares e ventos para donde veiu.

A linha de Aisne será, pois, em nosso fraco entender, o limite maximo da progressão aliada. E, vamos indo, que já não será pouco, e tudo devido, sem a mais insignificante sombra de duvida, não á eficiencia dos reforços americanos, mas áquela unidade de comando, na qual nós, os «germanofilos», sempre falámos, ainda nos tempos em que alguns santos varões tanto nos censuravam, acoimando-nos de «achincalhadores» dos aliados...

Foi porque se copiou, tanto quanto possivel, o sistema militar alemão e se aplicaram os seus métodos de guerra e se entregou o comando «au plus digne» que agora se venceu.

Póde ser que um dia o auxilio americano venha a ter real valor. Hoje ainda não.

E' o que se percebe perfeitamente de todos os relatos de batalha, pois os contingentes *yankees* — brigadas e divisões — aparecem-nos ainda enquadrados nos soldados francezes de Maugin e de Gouraud. Foram tropas coloniaes—senegalezes, argelinos e sudanezes, ótimos para a ofensiva—especialmente para a ofensiva á arma branca—que Maugin, sem se preocupar com a mais leve preparação pela artilharia e só tendo em vista a «surpreza tatica» (um principio preconisado por Ludendorf) atirou em 21 deste mês sobre a direita de Von Boehm.

Andam é certo americanos combatendo. De Mitry e Berthelot os seus efectivos são por ora relativamente pouco consideraveis.

Talvez um dia o numero compense a qualidade e a inexperiencia. Mas por ora é cedo.

Quem salvou a 2.ª batalha do Marne foram mais uma vez os francezes de Foch e mais ninguem.

E, por hoje, ponto final.

Perdão: ainda uma observação.

Dissemos que o limite maximo do folego aliado iria ao Aisne. E só não irá tão longe se o famigerado Chemim des Dames for tão solida posição para uma despeza vindo o atacante do sul, como o era, vindo ele do norte.

Esse detalhe desconhecemo-lo.

Saturio Pires

Caixa Geral dos Depositos

O Conselho da Administração da Caixa Geral dos depositos acabado de adquirir em Coimbra o edificio onde será instalado o Hotel Avenida na Avenida Navarro, para instalar ahi a sua Filial que vai ser dotada de mais pessoal e realisará novas operações.

Notas da Arcada

Corre na Arcada que dentro em pouco se dará a anunciada recomposição ministerial, esperando-se que volte a sobraçar a pasta da marinha o sr. José Carlos da Maia, comtudo afirma-se que este senhor devido ao seu estado de saude não tem desejos de continuar no ministerio.

Consta que é provavel que não se venha a realizar por emquanto a sessão secreta requerida pelos deputados monarquicos, pois o governo e a maioria entendem que não é tempo oportuno que essa sessão se realize agora; naturalmente só será convocada para a proxima legislatura, isto é em Outubro proximo.

Varios elementos do partido nacional republicano e outras entidades fóra desse partido andam trabalhando activamente para se chegar a um acordo com os três partidos da Republica, mas podemos afirmar que esses partidos só aceitam a colaboração com a actual situação se publicamente forem esclarecidos com honra para os mesmos os contendos de varias notas oficiosas que vieram a publico a seguir ao triunfo da revolução de 5 de Dezembro.

—Deve entrar brevemente em execução a reforma do Secretario d'Estado da Marinha, devendo ser nomeados por estes dias os oficiaes generaes da armada, que hão-de dirigir as 4 direcções geraes da referida secretaria.

São 20 os aspirantes de marinha que serão admittidos este ano na Escola Naval, para que foi mandado abrir concurso até 5 de agosto proximo.

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Luiza de Campos Henriques de Napoles e Lemos de Seixas.

D. Maria Eugenia Schepper Passio.

E os srs.:

D. José Gil Borja de Macedo e Menezes (filho).

Dr. Carlos de Melo Costa (Ficalho).

José Eduardo Franco da Mattos de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega).

Casamentos

Está justo o casamento da senhora D. Maria Luiza Guedes Infante de Almada e Lencastre de Sousa Cyrne, gentilissima filha da senhora D. Maria José Guedes Infante de Almada e Lencastre e do senhor Antonio de Azevedo de Teixeira de Sousa Cirne, com o sr. Antonio do Casal Ribeiro de Carvalho.

O noivo é filho da senhora D. Mariana Emauz do Casal Ribeiro de Carvalho e do senhor Lourenço Antonio de Carvalho (Chanceleiros).

Este enlace, a todos os titulos auspiciosissimo, deve realisar-se no Porto, na 2.ª quinzena de agosto.

—Na capela particular do Palacio Oliveira na Luz, realisou-se hontem o casamento da senhora D. Irene do Carmo May d'Oliveira, gentilissima filha da sr. D. D. Julia do Carmo Oliveira e do senhor Eduardo May de Oliveira, com o sr. Antonio da Silva Cisneiros Ferreira, filho do sr.º D. Madalena Cisneiros Ferreira e do sr. Henrique Cisneiros Ferreira.

Foi celebrante o rev. prior de S. Mamede, com a assistencia do rev. parocho de Carnide, tendo o acto sido testemunhado pelos paes dos noivos.

Finda a cerimonia religiosa foi servido, na vasta sala de meza, um primoroso lunch fornecido pela Patisserie Berard.

Os noivos instalaram-se numa das alas do palacio da Luz, devendo a sua viagem de nupcias realisar-se daqui a algum tempo.

Rendez-vous elegantes

A recita da moda ontem realisada no Eden, com a representação de «Trombeta da Fama» foi muito concorrida.

A falta de espaço obriganos, porem, a retirar a nota da assistencia.

Hoje, o ponto de reunião elegante é no Cinema Condes com um programa primoroso.

Amanhã, Olimpia e Politeama abrem as suas portas para receberem, em espectaculos elegantes, a fina flor da nossa sociedade.

De jornada

Regressaram do Mont'Estoril á sua elegante vivenda de Lisboa, o sr. Alberto de Gusmão Navarro e sua esposa a senhora D. Bertha Osorio da Gama e Castro Navarro.

—Parte brevemente para a Erijeira a senhora D. Sophia Franco Dominguez e sua gentilissima filha D. Maria Christina.

—Partem brevemente para Vidago os senhores Condes de Castello Melhor.

Com S. Ex.ª irá seu sogro e pae, Sr. D. Antonio de Lencastre.

TAUROMAQUIA

A festa do bandarilheiro Cadete

Jorge Cadete organisou sempre as suas festas artisticas com grande acerto. Caprichando especialmente no escolha de touros, apurou alguns um bonito carro ao sr. Francisco Vieitorino, que fora durante muitos annos uma das mais acreditadas racas bravas portuguesas. Para os lidar organisou o cartaz com os nossos principaes cavaleiros e bandarilheiros.

Mas, procurando atractivos, incluiu no cartaz o toureio a dois, de que foi o creador com José Casimiro, e que com este mesmo artista executará no domingo; encarregou Chico Marques, o especialissimo forcado, de organisar um grupo que fará reaparecer as pegas; e faz alternar comsigo, na lide de dois touros, seu filho Jaime, que é um distinto bandarilheiro-amador.

Pitta & C.ª—Camiseiros—Artigos de novidade
195—197 RUA AUGUSTA —Telef. 1548

Teatros e Cinemas

Reclames

Avenida

Continua a encher-se o Teatro Avenida onde a comedia «O Homem de Gelo» genero «Palas Royal» se representa todas as noites. Nesta foi a primeira recita da moda e viam-se muitas marotes senhoras da nossa primeira sociedade, que muito aplaudiram Alegrim na parte de protagonista.

Eden

O publico continua dando uma assinalada preferencia á revista «Trombeta da fama» enchendo o Eden todas as noites; muitos dos numeros da festejada peça são sempre repetidos, e José Ricardo no «compere» Joaquim Costa tem suas adoraveis criações e Alice Pancado, nos seus numeros de canto, são egualmente, festejadissimos.

Ha a notar ainda, Julieta Soares, nos seus numerosos papeis, que interpreta com extraordinario brilho, e Gregoria, Margarida Matos, Elvira Costa e Fernando Pereira, além doutros.

Hoje, ás 21 e 30 h. repete-se no Eden a sensacional revista.

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirijida para este jornal a João Tellos, afim de ser publicada.

ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21—«Cora ou a escravatura».

S. LUIZ—A's 9 h.—«Generos alimenticios», comedia.

TRINDADE — A's 9,30 — «O gato maltez», revista.

GINASIO—A's 9 e 30 — «A Morgadinha de Valflor», comedia.

APOLO—A's 9,30 — A famosa revista «A revolta».

POLITEAMA—A's 9,30 — «Salada russa», revista.

AVENIDA—A's 9,30—«O homem de gelo», comedia.

EDEN—A's 21,30—«Trombeta da Fama».

SALÃO FOZ — A's 9 — Animatografo e variedades.

SALÃO DOS ANJOS — A's 9 — A revista «Pouca sorte».

Animatografos

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.

Olimpia—Animatografo e concerto.—«Visto nós» todos os dias.

Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.

Cinema Condes—Animatografo e concerto—«Matinées» as quinta-feiras.

Cine-Paris—Animatografo ás 3.as, 5.as, sabados e domingos.

Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.

Salão da Trindade — Animatografo e concerto.

Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.

Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.

Chantecler—*Todas as noites ritas falsas.*

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de animaes.

Numa escada

Aparece uma creança morta—Haverá crime?

Hoje de manhã, quando o sr. Adriano Teixeira, morador no Arco do Evaristo, 5, 3.º, descia a escada da sua residencia, encontrou um embrulho verificando ter o cadaver duma criança.

Chamado o guarda 272, que andava de giro no local este por sua vez avisou o sr. José Joaquim de Almeida, juiz de paz das Mercês, que compareceu logo acompanhado do sub-delegado de saude sr. dr. Nuno Porto, que verificou o obito, sendo o pequeno cadaver removido para a Morgue.

Segundo as declarações do sr. dr. Nuno Porto, trata-se duma creança do sexo masculino, de tempo, devendo ter falecido umas 20 horas antes.

A creança era bastante nutrida e clara, estando parte da cabeça roxa e apresentando manchas pelo corpo. A policia judiciaria trata de apurar se ha ou não crime, o que será verificado pela autopsia que vae fazer-se ao pequeno cadaver.

A creança estava embrulhada numa fralda e numa toalha, ambas como a neve.

A agua de mesa de Valle de Cavallos
é a mais digesti va e a mais leve

LACTOSSINA
—Especifico das tosses—
Usa-se com exito seguro contra as bronchites, e sempre que se apresente o symptoma — tosse. — *Nas constipações grippe, etc. deve tomar-se, á noite, na cama uma colher de* LACTOSSINA *em uma chicara de leite bem quente.*
Pharmacia FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO
LISBOA